

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Guanabara

DATA: 06/09/1963 AUTOR: Jayne Maurício

TÍTULO: A marca da "saison"

ASSUNTO: Jayne Maurício pergunta: "Mauvaise conscience ou remords?" quem ataca Ivan.

TIRA

ta-Feira, 6 de Setembro de 1963

CM 6-9-63

2.º Caderno

Macaquice veneziana na Lagoa

A acentuada inteligência e capacidade de assimilação própria do povo brasileiro — um povo sem preconceitos e tradições muito pesadas — graças ao exagêro e ligeireza de uns tantos, nos tem valido o apelido portenho de los macaquitos. Nos últimos anos, porém, essa pecha vinha desaparecendo diante do nosso excepcional desenvolvimento, inclusive no senso de autenticidade e ridículo, impedindo os gaiatos de nos comprometerem com suas fuleragens e burrices importadas. Mas o êxito nunca é total e vez por outra aparecem algumas idéias meio ingênuas e bobas que é preciso combater antes de serem realizadas (aquêle "em se plantando tudo dá" tem o lado macabro). Como a que acaba de ser sugerida à Secretaria de Turismo da Guanabara: importar ou fabricar gôndolas venezianas para funcionamento na Lagoa Rodrigo de Freitas. A idéia vem do tempo do sr. Rollas. Falaram em gôndola para o homem e.êle, que tem nome especial, pensou fossem aves: "Esplêndido. Importemos alguns casais." Anos passados, vem o sr. Bouças com o estalo de importar gôndolas, logo após realizar um excelente festival internacional de música. É uma macaquice decisiva que encherá de ridículo o governador Carlos Lacerda. É preciso impedir a sandice. Nada temos contra a gôndola, que em si é um objeto estético que serviu de exemplo para simbolizar até um congresso de designers em Veneza, e que dá um especial colorido à bela cidade dos doges. Mas gôndola é coisa especial e exclusiva de Veneza, uma cidade especialíssima, única. Colocar gôndolas na Lagoa Rodrigo de Freitas seria o mesmo que ocupar os canais de Veneza com jangadas brasileiras. E aí está a solução, sr. Victor Bouças: já que é necessário colocar embarcações na Lagoa, embora não saibamos para ir aonde, coloque jangadas típicas brasileiras. Nada temos de fanatismo nacionalista, certas atitudes negativas, indiferentes ao que é autêntico, bom e valorizam a terra em que vivemos, irritam demais, sugerem boicote mesmo. Como pode ter ocorrido a um homem como o sr. Victor Bouças, viajado, culto, tendo artistas na família, um sobrinho que é arquiteto talentoso, transportar parte da paisagem veneziana para a paisagem da Lagoa? Eis a desconcertante questão que nos preocupa e que transferimos para o governador Carlos Lacerda com uma advertência: se vierem as gôndolas, seremos do grupo que, a nado ou na raça, iremos afundá-las. Na mais louvável e sadia delinqüência.

O que vai pela VII Bienal

D'abord, como diria aquêle meu amigo cônsul de segunda classe, a greve está atrapalhando terrivelmente. E embora Cicilo Matarazzo e seus auxiliares lutem com valentia, periga a data de 28 para inauguração. Analise o leitor mesmo para ver se não temos razão, gostem ou não os prepotentes da Bienal. Não chegaram ainda ao Ibirapuera os caixões contendo as obras da Alemanha, dos Estados Unidos, da Itália, da Grã-Bretanha, da Espanha, da Polônia, da Grécia e outros. Alguns estão em Santos, bloqueados pela greve. Praticamente a 20 dias da inauguração, contando com o transporte, desencanaotamento, colocação, iluminação, etc. como vai ser? Esperemos, entretanto, pela decisão, competência e energia de Diná Coelho, que nesta altura já terá ingressado no numeroso clubinho anti-JM, embora a nossa extrema simpatia por ela.

Outra notícia grave: Jean Cassou estaria adoentado ou adoeceu à última hora e não viria mais. Há quem diga ter sido devido ao fato de Di Cavalcanti tê-lo acusado de ter recebido dinheiro da Embaixada do Brasil para prefaciá-lo sete artistas brasileiros. Não cremos, pois vindo Cassou teria a oportunidade de ver a sala de Di Cavalcanti como membro do júri de premiação e, a ser verdade, quem será o substituto de Cassou? Seja quem fôr, Soulages já está prejudicado.

Aqui, no Rio, encontramos o delegado alemão, Werner Schmalembach, o delegado americano, Martin L. Friedman, que quase criou um caso entre Carmem Portinho e certos críticos, o delegado iugoslavo, Zoran Krzinski. Em São Paulo já se encontram os comissários do Japão, de Cuba, da Holanda e Chile.

On dit, como falaria aquêle cônsul, que o delegado dos EUA, Martin L. Friedman, por uma questão de comodidade de comunicação com pessoas que dominam bem o inglês, quase tanto quanto aeromoços internacionais, estaria vinculando-se a certos grupos mais ou menos comprometidos com certos artistas e que muito o ajudaram pessoalmente na organização da mostra que levou do Brasil há uns dois ou três anos para os

Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURICIO

EUA. Não acreditamos. Mr. Friedman deve saber perfeitamente que veio representando os EUA e não em caráter particular. E que o momento das relações entre brasileiros e americanos não comportaria qualquer atitude que não esteja à altura da grande nação que o envia como embaixador para um excepcional certame de cultura artística. Jamais prejudicaria o seu país por qualquer política de premiação de índole afetiva no júri internacional. Estejam tranqüilos, portanto, os gravadores, desenhistas, pintores e escultores nacionais que não falem inglês nem tenham quem fale por eles.

A bela e jovem Josely

"Josely é jovem. Muito." Assim começa a introdução da sra. Jocy de Oliveira sobre a personalidade e arte da sra. Josely, na Dearte, na Rua Augusta 597, organizada pela sra. Rachel Brito. Convite em roxo e preto com um retrato da muito jovem expositora, que é também bela-muito e glamurosa. Termina a sra. Jocy de Oliveira o seu prefácio assim: "Josely não tem biografia. Pra quê? E agora?"

A marca da "saison"

Parece que uma profunda reação ao decorativismo e ao amável abstracionismo vigente em certas manifestações está orientando vários artistas cujas obras buscam deliberadamente a violência, o choque, a projeção do mau gosto como legítima dimensão da arte. Em todos, porém, o domínio do ofício, o enhecimento dos recursos e a consciência de que serão atacados rudemente. Um glorioso ato suicida para romper a barreira do superficial, do perfumado. É o que sugerem as exposições de Ivan Serpa, Flávio Shiro Tanaka e os argentinos da Bonino. Os anêmicos e veludosos do lirismo pictórico, os bem comportados, os bem compostos, os amaneirados, estão todos furiosos soltando a peçonha a torto e a direito. É significativa a reação. Mauvaise conscience ou remords?

Beatrice partiu — Pedrosa chegou

Beatrice Tanaka, espôsa do famoso pintor, regressa rapidamente a Paris para cumprir compromissos com cenários de filmes e teatro. Demora rápida de um mês aproximadamente, durante o qual Flávio Shiro Tanaka funcionará no Rio de cigarra.

De Tel Aviv via Itália e França, regressou o crítico Mário Pedrosa que disputou na Assembléia da Associação Internacional de Críticos de Arte a presidência da entidade para o próximo período, sendo brilhantemente vencido pelo italiano J. C. Argan.

Fogo purificador

Ouvimos a confidência em silêncio algo comprometedor: "Vou fazer uma fogueira com todos os quadros ruins que tenho, ainda que isso me cause um grande prejuízo. Já não aturo tanta porcaria." Funcionou o nosso comendador Ventura e enfaticamente pedimos: "Não, não faça uma coisa dessas, por favor." E lá por dentro, rezando: "Seria bom demais." Felizmente o homem não nos ouviu e vai fazer a fogueira da purificação. Antes, mostrará de público os quadros. Avisaremos.